



Decifra-me ou te devoro!

Cassiano Sydow Quilici

Decifra-me ou te devoro. Nas palavras da esfinge, uma vocação do teatro! Édipo na cidade empesteadada, revirando crimes. Uma lembrança para estes artistas de hoje. Escavar camadas da história pessoal e coletiva, chegar ao rosto-enigma, debaixo da máscara “civilizada”. Tatear os frágeis alicerces da nossa “pólis” miserável. Chegar à terra que pulsa sob o asfalto.

Os artistas entregam-se aos devaneios da memória. E “há devaneios tão profundos, devaneios que nos ajudam a descer tão profundamente em nós mesmos que nos desembaraçam da nossa história. Libertam-nos do nosso nome”. (Gaston Bachelard) Buscam fotos que não foram parar no álbum, conversam com vozes do além (“Assombrações do Recife Velho”, peça encenada pelo grupo), viajam por Recifes de outrora. Levados pelas mãos do nosso poeta “quase” trágico. Um Nelson “das origens”, antes das modernidades cariocas. O nosso tragicômico sem oráculo, nostálgico de um Paraíso Perdido, tornado um bufão moralista na selva das cidades.

A imagem de uma casa antiga, casa grande. Memórias da cana, mitos da nossa doçura/ violência. Casa em que desfilam fantasmas de “homens pequenos” e bárbaros, “encostos” que

ainda nos assombram? Velhos de barbas de fogo, Saturnos não castrados, pais sem lei que instauraram a lei da própria força. Sinhás vingativas e delirantes, olhos de belas escravas negras servidos em bandejas de prata. Usina de rancores e ressentimentos. Requentes de crueldade que os “focos encenam”. Tragédia de uma tragédia que não se realiza, que naufraga eternamente no melodrama do inferno familiar.

A imagem de uma casa desabando. Memórias da cana, mitos da exuberância dos trópicos. Os gritos do filho louco da família branca, correndo lá fora, entre os tambores da senzala. Dioniso sem teatro, transe sem ritual. A tradição ignorada dos africanos e a sua outra família, a dos Orixás, dos ancestrais cósmicos. A falta de uma cultura que capte e canalize as forças (Antonin Artaud). A energia solar desvirtuada, a libido transbordante que se torna violência. O signo-cana, a ser decifrado. Cana “falo”, cana melaço, cana doçura. Memórias da cana: do açúcar do engenho ao álcool que move os carros, no tráfico engarrafado das grandes cidades. Gilberto Freyre lido mais como um visionário: quando a nossa energia será “des-escravizada”? Podemos mesmo ser o berço esplêndido de algo singular no mundo?

Cassiano Sydow Quilici é professor do Departamento de Artes Cênicas e do Programa de Pós-Graduação em Artes do IA Unicamp.



sala p
reta

Antes de tudo é preciso abrir a casa, pisar a terra, purgar as máscaras. Seguindo os rastros das nossas tragédias, sondando sinais de uma utopia. Os “Fofos encenam” e fazem a sua parte.

